NOTAS

e Transcripções

JORGE BERTOLASO STELLA,

«Vestigios da Lingua Primitiva», «A Vida Scientifica de Trombetti».

O sr. Prof. Jorge Bertolaso Stella, de S. Paulo, é um nobre exemplo de auto-didactismo. Estudando consigo e por si mesmo, chegou a ser um dos maiores glottologos, senão o maior e até unico, do nosso país. Dedicando-se ao conhecimento profundo da obra espantosa de Alfredo Trombetti, de tal maneira se identificou com ella, que é talvez o mais ardente, sem ser um dos mais illustrados, dos discipulos do grande mestre bolonhês. Em todos os seus trabalhos, nota-se a admiração e o carinho que lhe vota. Agora, manda-nos os dois volumes citados acima, publicados ambos em 1933.

O segundo, sôbre a vida de Trombetti, é uma commovida e commovente oblata que o alumno insigne depõe aos pés do mestre insigne. Mas não se pense que aí só se encontrará o biógrapho. Não O glottologo apparece sempre e resenha os conhecimentos linguisticos dantes de Trombetti, fazendo uma verdadeira historia da glottologia, e não somente com os dados bebidos na immensa caudal do mestre amado, pois a verdade é que o Prof. Bertolaso conhece o que há de mais moderno e importante nos dominios da glottologia.

Esses seus vastos conhecimentos se põem á prova no primeiro volume, «Vestigios da Lingua Primitiva», em que examina a linguagen em geral e a sua origem, os aspectos do estudo das linguas, a diferença entre glottologia e philologia, linguagem e lingua e lingua e dialecto, a origem, definição e importan-

cia da glottologia, a evolução ascendente e descendente da linguagem, o *habitat* do homem primitivo e as suas migrações, a area, expansão e diferenciação da linguagem primitiva, as classificações das linguas, a proposição-monomio e binomio, as raízes, a origem das categorias grammaticaes, a influencia do gesto e do accento na lingua primitiva, o systema phonetico primitivo, os lexicaes, e o desenvolvimento da linguagem no periodo unitario. E', pois, um livro admiravel, até por que muito bem feito, que eleva sobremodo a bibliographia linguistica brasileira, na qual é impar.

O sr. Prof. Jorge Bertolaso Stella deve continuar no seu caminho de scientista glorioso, para honra mais do Brasil do que sua propria.

***

De materia constante deste volume tiraram-se duas separatas, uma do «Realismo e Nominalismo na Filosofia Medieval», do Dr. Djacir Meneses, outra de «O IV Centenario de Anchieta», do Dr. Andrade Furtado.

***

Motivos superiores inhibiram-nos de continuar neste volume a publicação das CIRANDAS INFANTIS, do nosso redator sr. Prof. Martinz de Aguiar.

***

O notavel estudo acêrca dos «Presidentes do Ceará» é do nosso eminente socio correspondente sr. Dr. CRUZ ABREU, que na capilal do País tem sabido manter as tradições de cultura do Ceará.

***

RESPOSTA AO SR. RODOLPHO THEOPHILO—Julio Cesar da Fonseca Filho.

Só hontem li, inserta na «Gazeta de Noticias», a carta aberta do sr. Rodolpho Theophilo, tratando do abolicionismo no Ceará, que melhor seria ficasse hermeticamente fechada, por não ter dito a verdade historica.

Nella, pondo-se em relevo esculptural, talvez o seu unico fim, declara não ter sido eu abolicionista ou libertador, palavras synonymas; e já que o meu nome, *umbra et nihil*, foi assim pronunciado, envolto em allusões satyricas e quejandas ironias e objurgatorias, de um modo cathedratico, como se possuisse o dom de inerrancia, cumpre-me defendel-o e o faço constrangido.

Conheço bastante a autophilia e o egocentrismo de alguns individuos, que, da planicie das coisas em que vivem e participam, querem á virga ferrea ascender ás mais altas culminancias, julgando-se super-homens, próceres, optimates ou pelo menos collaboradores ou cooperadores dos notaveis feitos sociaes. São individuos doentes, victimas da tyrannia dos seus nervos ultra-vibrateis, fatalidade organica; mas o sr. Rodolpho Theophilo é um homem hygido, de sã mentalidade, e não sei o motivo pelo qual procura sempre elevar-se acima de sua craveira, muito além do seu merecimento, que o tem, considerando os mais como liliputianos.

Não sei explicar o seu modo peculiar e engenhoso de medir as alturas.

Sei, e muitos sabem, que, ás vezes, olhando para os seus actos, é macropsico, tudo é grande, e para os outros é micropsico, tudo é pequeno.

Creio que a explicação só poderá ser obtida na leitura do preambulo do Ecclesiastes.

Quero mostrar ao sr. Rodolpho Theophilo que elle commetteu, com a maxima injustiça,—uma inverdade, pondo-me fóra das phalanges abolicionistas, como um indesejavel, dando assim prova de um historiador ás avessas ou de um narrador pouco escrupuloso.

Venho apresentar a minha fé de officio, como abolicionista, o que deveria ter feito o sr. Rodolpho Theophilo antes de avançar o que avançou, sem o devido exame, confundindo a imparcialidade indefectivel e o discernimento austero do historiador com as burlas do historiador de conversa fiada.

Na «Tribuna do Povo», jornal republicano que redigi no Aracaty, em 1870, era um dos principaes artigos de meu programma o batalhar pela extincção da escravatura e nella a lucta travou-se em campo

aberto; na «Voz d'America», jornal tambem de propaganda republicana, de minha exclusiva redacção, mantive com denodo o mesmo programma.

No mesmo Aracaty agitei a questão de serem livres pela lei os que se reputaram escravos, em virtude da extincção do trafico, sempre de pé como um gladiador.

Na «Gazeta do Norte», jornal publicado aqui na Fortaleza, escrevi diversos artigos sobre o assumpto.

Na «Republica» igualmente escrevi outros.

No «Libertador», orgão da «Libertadora Cearense», escrevi tambem alguns artigos, lembrando-me de quatro, a saber: «Guerra aos escravocratas», «O sr. Romero (Silvio) e a propaganda abolicionista», «Era nova», e os «Ladrões da liberdade humana».

Diversos discursos proferi em diversas solennidades, batendo-me sempre pelo mesmo ideal, um dos quaes se lê no proprio orgão da «Libertadora Cearense», de 3 d'Abril de 1851, na festa commemorativa celebrada em 25 de Março, denominando-o—archihyperbole singularissima—de palavra demosthenica.

Como Deputado Provincial a minha actuação não foi despicienda.

Em sessão de 8 de Julho de 1881 offereci, justificando plenamente, um projecto no sentido de evitar a entrada de escravos no Ceará, que vinham como mercadoria de Provincias circumvizinhas, de immobilisal-os aqui, depreciando o seu vil commercio, por meio de taxas prohibitorias, e na sessão de 16 o defendi com um discurso, em que mais uma vez affirmava as minhas crenças e as minhas doutrinas.

Na sessão de 10 d'Agosto offereci isoladamente, com a coragem que o meu patriotismo inspirava, a seguinte indicação, tambem justificada:

«Indico que se represente aos poderes geraes sobre a necessidade da abolição immediata, definitiva e radical da escravatura, como meio de desenvolver o espirito do progresso, satisfazendo o direito, a justiça e a mais legitima aspiração do paiz e conciliando os interesses das raças pelo regimen do trabalho livre. Julio Cesar».

Reproduzo a peroração do meu discurso:

«Ha uma distancia de abysmos insondaveis, como

os ha somente na consciencia humana, entre o patibulo de Groton, o negreiro, e o punhal de Brown, o libertador; entre o machado redemptor de Lincoln e o revolver fratricida de Booth; e portanto ainda que fosse preciso passar por cima de mil Golgothas, affrontar ergastulos e earleos, irrisões e vituperios, não hesitaria um só momento, como não hesito agora, em proclamar do alto de todas as minhas convicções que a escravidão deve desapparecer da face desta terra, seja embora preciso a espada ignea do archanjo do exterminio (*Apoiados e muito bem*).

«Neste momento solenne, a minha commoção é tão profunda e dominante, que me esqueço de mim mesmo, para só me lembrar que ha no coração da Patria uma chaga aberta pelas lagrimas corrosivas da mais tragica das desventuras e que só póde ser cicatrisada ou pelo sangue dos heróes ou pela tinta com que o poder escreve os seus decretos». *O sr. Catunda Montezuma e outros deputados*: «Muito bem».

Nem mais uma palavra me é permittida sobre o meu abolicionismo, contrapondo apenas ao dizer do sr. Rodolpho Theophilo o que disse de mim o orgão da «Libertadora Cearense», no seu numero 18, de 26 de Agosto de 1881, publicando a indicação que fiz na Assembléa Provincial.

Nada quero e não pretendo e se porventura quizesse ou pretendesse alguma coisa, seria por direito de conquista, os meus serviços, conhecidos, sim, mas não reconhecidos.

Sou um simples, sem vaidades e nem ambições, tanto assim que tenho escripto muito e publicado em varios jornaes, sem a minha assignatura, correndo tudo por conta das respectivas redacções, conforme exigencia minha. Nos ultimos tempos podem dar testemunho «O Nordeste» e o «Correio do Ceará», para os quaes tenho intellectualmente contribuido, sem o meu nome, pois sem elle muito valor tinham como tiveram.

O meu nome, em qualquer publicação, só era assignado quando ella se referia directamente á minha pessoa e quando não me era licito ausental-a ou obliteral-a.

Feriu-me profundamente a alma, magoou-me em extremo a carta aberta do sr. Rodolpho Theophilo,

aggressiva, pungente e philauciosa. desentoando assim a missão augusta e apostolar da historia, erario de verdades e jamais sacóla de mendigos de favores e benemerencias.

Muito embora não seja a occasião propicia, seja-me dado lembrar aqui um episodio, de que eu ia sendo uma victima insonte, pois serve de elemento subsidiario psychologico para quem quizer escrever a historia do acontecimento libertador sem procurar impor uma historia á historia, usando de uma phrase de De Maistre.

Os animos exaltadissimos de alguns libertadores, um pequeno grupo, grupo que sempre existe em todos os partidos e movimentos, eram de tal ordem que viam adversarios-espectros por toda a parte e consideravam como injuria e provocação uma palavra qualquer banal que fosse emittida aproximando-se delles.

Na installação do «Centro Abolicionista», fazendo um discurso, empreguei a palavra—bakhuninico—de Bakhunine, o celebre criador da Internacional, o doutrinador da pan-destruição universal. e a tal citação ia-me custando uma represalia physica, preparada de ante-mão por terem tomado, a palavra, como derivada de Baccho, e dahi concluirem, interpretação delirante que produz falsamente deducções e consequencias illogicas, que eram chamados de ebrios.

Felizmente, por intermedio dos libertadores sinceros, criteriosos e dignos, reconheceram o erro e fiquei incolume.

Sobre o «Centro Abolicionista» e a «Cearense Libertadora» convido para ler o que escrevi na «Revista do Instituto», não recebendo contestação de parte do sr. Rodolpho Theophilo e de mais nenhum. A Revista é do anno de 1924.

Não desejo ser abolicionista á laia de Psaphon com os seus papagaios.

Psaphon desejava ter honras divinas e para merecel-as ensinou um grande numero de papagaios a dizerem: Psaphon é um deus. E um dia soltos foram por todas as partes repetindo: Psaphon é um deus. E Psaphon realisou seu desejo.

E' mythologia, não ha duvida; mas em nossa

sociedade não são raros os Psaphons, de differentes especies, e os papagaios são legiões.

Formam-se assim reputações e notabilidades geniaes, poetas, tribunos, jurisconsultos, estadistas, historiadores, scientistas, *et quibusdum aliis*, verdadeiros Picos de Mirandola.

Ponto final e silencio. Immobiliso a minha penna, já muito enferrujada, e derramo a minha tinta, já muito diluida. Volto á minha caverna de anachoreta para entregar-me á meditação tristissima sobre os nossos homens e as nossas coisas, que não poderão jamais fugir do terrivil juizo final da Historia.

4 de Abril.

(«Gazeta de Noticias»; 6—IV—1929).